

por ABEL SALAZAR

ALDOS Huxley, neto do célebre homem de ciência do mesmo nome, romancista inglês notável, autor do célebre *Point Counter Point*, foca no seu livro recente *Eyeless in Giza* o drama do homem atolado num mundo decadente, do homem vazio no meio de um mundo vazio, nele vivendo uma vida sem sentido. O autor faz o processo do cientismo, da mecanização da vida e da personalidade humana, da vacuidade no mundo actual, da sua banalidade...

... «A morte é a única coisa que não conseguimos ainda subjugar por completo. Não porque falte disso o desejo, bem entendido. Estamos como os cães numa acrópole: saltando à volta com bexigas inextinguíveis e apenas desejando erguer a pata à volta de cada estátua. A maior parte das vezes conseguimos-lo. Arte, religião, heroísmo, amor — deixamos o nosso coração de visita por toda a parte. Apenas a morte fica para além do nosso alcance. Não conseguimos ainda conspurcar essa estátua. Pelo menos ainda não. Mas o progresso progride sem cessar».

Anthony, o personagem central do romance, é o intelectual em que a actividade cerebral dominou a emotividade. Disciplinado por métodos científicos, consciente da sua própria vida, roído pela inteligência e pela sensualidade, mas rico ainda de potencialidades ocultas:

«Empreguei quatro horas desta manhã a coordenar as minhas notas. Prazer extraordinário! Como é fácil deslizar uma vez mais para a erudição pura e o manejo ininterrupto das ideias! Nesta vida «mais alta» que é simplesmente a morte «sem lágrimas. Paz, irresponsabilidade — todas as delícias da morte à vossa disposição imediata. Outrora era preciso ir para um convento para as encontrar. Era preciso pagar as delícias da morte com a obediência, a pobreza, a castidade. Hoje podeis tê-las grátis, sem deixar o mundo de todos os dias. «A morte inteiramente sem lágrimas. «A morte com sorrisos, com prazeres de leito e de mesa, a morte em particular e sem que haja alguém para vos doutrinar. Os eruditos, os filósofos, os homens de ciência — opomo-los de ordinário aos homens políticos. Mas qual outra classe de homens tem melhor conseguido fazer aceitar os seus próprios valores? Os reis perderam o seu direito divino, os plutocratas parecem em «via de perder o seu. Mas os da «vida «mais alta» continuam a gozar da «sua superioridade. É isso sem dúvida o fruto da sua perseverança».

Assim fala Anthony diante da vida. E assim falavam, pouco mais ou menos, as «Meditações dum padre de Heliópolis», o «Diálogo de um Egípcio com seu espírito», os «Conselhos de um Sensato», e os «Ensinamentos de um Rei a seus Filhos», e os «Cantos de um Harpista», há muitos séculos, durante a decadência da monarquia menfítica. Assim falavam, tal qual, os velhos egípcios do período menfítico, porque assim falam sempre através da história, nos períodos de crise, os homens desiludidos. E a crise actual reflecte,

a milhares de anos de distância, como um espelho mágico, a velha crise do Orisismo. Huxley e o seu Anthony é assim o simile histórico do velho Neferrhou egípcio, do rei Mesikarâ e outros; e, como eles, é um expoente típico do pessimismo contemporâneo, sintoma típico de uma época de revolução. *Nihil novum sub sole*; mas a história repete-se, sem se repetir como a espiral, desenrolando-se na amplitude do espaço e do tempo... E este desenrolar da espiral conduz-nos à consciência do nosso pessimismo, o que tudo transforma: e disto parece não se aperceber Huxley, mas todos os pessimistas contemporâneos... E que assim podemos transcender o pessimismo.

Estes fenómenos fazem parte do grande conflito histórico do Ideal com o Real. O homem não só tende a realizar-se integralmente, sem o conseguir, como tende a realizar-se numa esfera cada vez mais ampla, que é o Ideal. E assim quando, no declínio de uma civilização, o Ideal petrifica, e o homem, contendo potencialmente o Ideal futuro ainda latente, se encontra a sós com o Real, o pessimismo toma então a forma de um sintoma colectivo. Erguem-se então as habituais lamúrias, e a literatura toda ela é um gemido. E este pessimismo é, em parte, o grande mal-estar da gestação de um mundo futuro, ao mesmo tempo que é a morte de um mundo passado. E o que sucedeu no velho Egito sucedeu na Grécia da decadência, na Índia budista e na decomposição do mundo romano. A Europa está hoje adubando o humus de onde irá nascer um novo mundo.

As Recherches Philosophiques (Boivise et C.^{ie}) e Erkenntnis.

Como o seu título indica, as «Recherches Philosophiques» não são uma exposição doutrinária de sistemas, mas uma série de informes, de *mise-au-point*, de estudos sobre o pensamento filosófico actualmente em fluxo e constituição. O seu contraste com a «Erkenntnis» é curioso, não só pela diferença de finalidade, como também e sobretudo, pelas duas correntes de pensamento actual que as duas publicações definem.

Eis os títulos de alguns artigos: Poirier, *Temps spirituel et Temps Materiel*; Khersonsky, *La Notion du Temps*; Ruyer, *Le Sens du Temps*; Minkowsky, *La Problème du Temps vécu*; Klossosky, *Temps et agressivité*; Strauss, *Le Mouvement vécu*; Groethuyseu, *De quelques aspects du Temps*; Pichon, *Temps et Idolme*; Dumézil, *Temps et Mythes*; Caillois, *Le Mythe et l'Homme*; H. Lévy Brühl, *Le Fait Historique*; Minkowaki, *Le Problème du Temps en psychopathologie*; Rivaud, *Remarques sur la durée*; Strong, *L'Etre et le Devenir*; Marc, *Le temps et la Personne*.

De uma maneira geral, as «Recherches Philosophiques» contrastam com a «Erkenntnis», não só pela sua liberdade um tanto anárquica de critérios, pontos de vista, métodos e orientação, mas, sobretudo, a meu ver, pela confusão dos elementos emotivos, psicológicos, lógicos e empíricos. Ora esta confusão do pensamento emotivo, psicológico, lógico e empírico é uma das causas capitais do caos do pensamento contemporâneo. Esta confusão, que as «Recherches» põem nitidamente em evidência, é hoje dominante na França e na Alemanha, por influência de Bergson, Jaspers, Heidegger, Kierkegaard, e outros, e faz contraste com a grande corrente empiro-lógica contemporânea definida principalmente pela Escola de Viena, com Hans Hahn, Moritz Schlick, Frank Reichenbach, Neurath, Rudolf Carnap, e tantos outros pensadores ilustres que se esforçam por opôr uma filosofia científica à filosofia emotiva psicológica.

Esta corrente que domina hoje na Europa oriental, Austria, Checoslováquia, etc., começa a penetrar em França com Marcell Boll e outros, mas é ainda mal conhecida no ocidente da Europa, que continua sob a hegemonia do pensamento francês e alemão. É do oriente europeu, no entanto, que no momento actual vem a reacção contra o caos anárquico do pensamento europeu, enevoado em dias de hoje por vagas místicas e emotivas, e pelo anarquia psicológica e subjectiva dos pensadores, pelo turbilhão exasperado daquilo que Kretschmer chama tão justamente o «Pathos Metafísico».

Na serie «Pensamento Positivo Contemporâneo», do «Diabo» teremos de nos ocupar dos principais elementos fornecidos por estas duas publicações, sendo o nosso fim por agora apenas assinalá-las ao leitor curioso de problemas e movimentos filosóficos.

Après la victoire du Pr. Roosevelt, POR DELHORBE, «Le Mois», 71.

Delhorbe assinala neste artigo alguns factos da evolução histórica e social dos Estados Unidos que são de capital interesse sob o ponto de vista da bio-mecânica da história. Esses factos são a diferenciação progressiva do complexo social e a passagem do conflito de partidos ao conflito de classes, como uma das consequências dessa diferenciação. Os U. S. A. estão, como diz o articulista, de muitas décadas em atraso sobre a evolução económica e social da Europa, o que «é uma maneira de dizer que a Europa é mais velha ou que a América é mais nova...». Daí o interesse que nela apresentam estes fenómenos, que são como elementos de experiência histórica desenrolando-se sob os nossos olhos.